



**Ao Deus e à Deusa que conheço e que não conheço:
o *Tremendum* numa prece sumero-acadiana**
**To The God and The Goddess That I Know and That I Don't Know:
the *Tremendum* in a Sumero-Akkadian Prayer**

Cláudia Cerqueira do Rosario¹

Artigo: Este artigo analisa, através de uma prece produzida no contexto histórico sumero-acadiano – *circa* 3500 a 1800 anos antes da era cristã – a noção de *mysterium tremendum*, proposta pelo historiador e filósofo das religiões Rudolf Otto, que vem a se tornar fundamental para o estudo e a compreensão da essência dos fenômenos religiosos.

Abstract: This paper analyses the notion of *mysterium tremendum* posed by the historian and philosopher of religions Rudolf Otto, through a prayer produced in the sumero-akkadian historical context – *circa* 3500/1800 BCE . This notion becomes a fundamental one for the study and understanding of the religious phenomenon's essence.

Palavras-chave: prece, *mysterium tremendum*, fenômeno religioso.

Keywords: prayer, *mysterium tremendum*, religious phenomenon.

O historiador das religiões Mircea Eliade, em sua *História das Idéias e das Crenças Religiosas*, introduz o capítulo em que nos fala das religiões mesopotâmicas por um parágrafo intitulado "A História começa na Suméria...". É uma referência ao título do livro do orientalista norte-americano S. N. Kramer, que "mostrava que as *primeiras* informações referentes ao número de instituições, técnicas e concepções religiosas foram conservadas nos textos sumerianos" (ELIADE,1978:78).

A civilização sumeriana floresceu por volta de ~3500 a ~2500 antes da era cristã, na Mesopotâmia, região onde hoje encontra-se o Iraque, entre os Rios Tigre e Eufrates. Dividia-se em cidades-estados, com sociedades diferentes

¹ DFCS / CCH / UNIRIO.

mas bem organizadas. Era funcionalmente secular, existindo a noção de propriedade privada e o comércio entre as cidades de habilidades técnicas e produtos agrícolas. Mais tarde, por volta de ~2300, consumou-se o domínio das cidades sumerianas pelos acadianos, povo de origem semita que, antes disto, já estabelecia-se de modo crescente na Suméria. Esta simbiose está na gênese das culturas assíria e babilônica, mais tardias, que floresceram por volta de ~1800 a. c.

Estas culturas, às quais nos referimos genericamente como "mesopotâmicas", produziram, ao longo do vastíssimo período cronológico que as caracteriza, diferentes matizes de atividade religiosa. Estes vão desde as formas mais remotas, em que as forças divinas são representadas como as forças da natureza – como Ishkur/Adad, presente no raio, ou Inanna, “deusa dos depósitos repletos de frutas” - até os poemas épicos mais conhecidos, como o *Enuma Elish* e a *Épopéia de Gilgamesh* (COULIANO, 1994:232-4), compilações já do período do apogeu babilônico. Entre estas fases, temos a progressiva adaptação das divindades à forma humana e aos papéis sociais. Em todas elas, a prática comum às religiões arcaicas: além da prática de "cuidar da divindade" na qual “sacerdotes especializados ocupavam-se com os cuidados cotidianos dispensados às imagens divinas, alimentando-as, lavando-as, vestindo-as e divertindo-as” (COULIANO, 1994:233)., havia a oferta de alimentos e estatuetas votivas, festas sazonais e re-atualização dos mitos que celebravam os feitos divinos. Registra-se também a prática de magia e encantamentos visando a cura, a fertilidade e toda a sorte de enfeitiçamentos e desenfeitiçamentos. A adivinhação era usada em larga escala como guia prático dos assuntos humanos, através dos augúrios (procura de sinais na natureza), das loterias e do extispício -a leitura de vísceras animais. Neste contexto, nasce também a astrologia no Ocidente (HINNELS, 1995 :16, 33).

Deste longo período, difícil de precisar, data um escrito inserido no universo cultural sumero-acadiano, uma prece entre as mais antigas e ao mesmo tempo mais belas já produzidas pelo espírito humano. Eliade(1978:78) refere-se à esta prece como "babilônica", especificamente. Não pudemos encontrar nas fontes disponíveis a datação aproximada. Mas em *O Conhecimento Sagrado de Todas as Eras*, compilação organizada pelo próprio Eliade, de onde retiramos o texto (extrato número 72), a prece aparece indicada como "Uma Prece Sumero-Acadiana para Todos os Deuses", razão pela qual preferimos aqui situá-la como produto de por assim dizer um "nicho cultural" que aglutina no universo chamado mesopotâmico as culturas sumeriana, acadiana, babilônica e assíria. Trata-se, como assinala Eliade, de "uma prece de caráter genérico, destinada a pedir perdão a qualquer deus por qualquer transgressão" (ELIADE, 1995:154). Porém, mais do que isto, é uma expressão comovente do sentimento do sagrado tal qual nos descreve séculos depois o historiador e

filósofo da religião Rudolf Otto em seu *Lo Santo : lo Racional e lo Irracional en la Idea de Dios*. Este trabalho, publicado pela primeira vez em 1917, introduziu uma nova luz no estudo dos fenômenos religiosos, ao desviar o foco da *idéia* de Deus ou de religião para aplicar-se ao estudo e à análise da *experiência religiosa*. Entre outras, nos apresenta à uma noção fundamental para uma compreensão desta experiência, que não pode ser esgotada por categorias ou conceitos racionais. Nas palavras do próprio Otto, e em tradução nossa, como as demais :

Consideremos o mais fundo de toda comoção religiosa intensa, enquanto é algo mais que fé na salvação eterna, amor ou confiança; consideremos aquilo que, prescindindo destes sentimentos conexos, pode agitar e encher o ânimo com violência conturbadora. Persigamo-lo, por simpatia ou imaginação, através dos elementos que a ele se associam ou o sucedem; nos arrebatamentos e explosões da devoção e em todas as manifestações da vida religiosa; na solenidade e entonação de ritos e cultos, em tudo o quanto se agita, urge, palpita em torno de templos, igrejas, edifícios e antigos monumentos religiosos. Se fizermos isto, perceberemos que a expressão mais apropriada para compreender tudo isto é *mysterium tremendum*. (OTTO, 1995:22-23)

Segundo Eliade (ELIADE,ca1960:23-24), Otto encontra em seu estudo o sentimento de pavor diante do sagrado, de uma realidade que exala uma superioridade esmagadora de poder, que arremessa o homem no sentimento de sua profunda nulidade, o sentimento, por assim dizer, de "não ser mais que uma criatura" diante da percepção do numinoso. Estas experiências são designadas como "numinosas" (do latim *numem*, "deus") porque são provocadas por um aspecto do poder divino, denominado *mysterium tremendum*. Otto entende que este *mysterim tremendum* pode ser sentido como suave fluxo de ânimo, na forma da devoção absorta. Pode passar como uma corrente fluída que dura algum tempo, vibrante e ressonante, até apagar-se novamente no profano, o ânimo não-religioso da experiência cotidiana. (OTTO,1995:23)

Neste sentido, o sentimento aponta para para a percepção suave do *mysterium*, que significa simplesmente "o oculto e secreto, o que não é público, o que não se concebe nem se entende" (OTTO, 1925:23). No entanto, em graus crescentes, pode

explodir de súbito no espírito entre espasmos e convulsões, ou levar às maiores excitações, como a embriaguez, o arroubo e o êxtase. Pode apresentar formas ferozes e demoníacas, e arremessar a alma em espantos e horrores. Possui manifestações elementares, primitivas, bárbaras e pode evoluir novamente em algo puro, belo e glorioso. Enfim, pode converter-se em humilde e suspenso tremor, na mudez da criatura ante - quem ou o que ? - aquilo que é um mistério indizível e acima de todas as criaturas. (OTTO,1995:23)

Neste aspecto, o mistério revela-se como tremendo e revestido dos aspectos que Otto considera fundamentais para a compreensão, sempre analógica, da noção de *mysterium tremendum*: os elementos de majestade (expressa em potência ou onipotência) e da energia, expressa em grande parte na cólera divina, embora possa manifestar-se por outras expressões, como "paixão", ou "vontade". Este "temor" provocado pela manifestação do numinoso pertence à ordem do sobre-natural, entendendo-se aqui a expressão como designando algo que extrapola a ordem comum da natureza, e mesmo a envolve e supera. Não é o medo diante da fera à espreita ou de qualquer perigo ordinário que possa infestar nosso cotidiano, real ou psicológico. É o temor que brota, por um lado, da percepção do *númem*, e por outro, da percepção esmagadora da ignorância e da insignificância humanas.

Este sentimento, como concordam os estudos contemporâneos sobre o tema, está no próprio cerne do fenômeno religioso, sendo histórica e psicologicamente anterior - e diremos mais, prioritário - à instituição de qualquer sistema religioso simbolicamente codificado (em mitologias, rituais, regras, festividades, etc.). Historicamente porque para existir qualquer sistema que atualize a função primeva do *religare* deve haver a percepção de algo além ao qual é preciso religar-se e com o qual é preciso estabelecer uma relação que será mediatizada pelas diversas manifestações simbólicas que caracterizam as diversas religiões, vivas ou mortas. E psicologicamente porque este sentimento é capaz, em seu aspecto mais tremendo, de extrapolar mesmo o ensinamento ou código religioso vigente numa cultura, para lançar o homem no abismo de sua impotência, para além da sua consciência de agir bem ou mal, para além do que sua tradição ensina sobre seu deus ou sua deusa e sobre a conduta por eles esperada.

Num dos registros mais antigos da devoção religiosa, o suplicante em desespero não se dirige a Apsu ou Tiamat, a Marduk ou Ishtar, ou a qualquer divindade local de qualquer cidade ou qualquer época específica do período histórico ao qual nos referimos no início deste artigo. Refere-se talvez *também* a todos eles, mas, tomado pelo sofrimento, implora à inconcebível amplitude do *númen* :

Que a fúria do coração de meu senhor se abraque em relação à mim. Que o deus que não é conhecido se abraque em relação a mim; Que a deusa que não é conhecida se abraque em relação a mim; Que o deus que conheço e que não conheço se abraque em relação à mim; Que a deusa que conheço e que não conheço se abraque em relação à mim. (ELIADE,1995:154)

A invocação nos dá uma luz sobre a natureza do *tremendum* ao qual refere-se Otto: um excedente de significação, difícil de precisar, que não se esgota nos sistemas referenciais culturais em geral e religiosos em particular. Nosso

suplicante, talvez como o Jó bíblico, provavelmente cumpriu todos os ritos, honrou todas as oferendas, participou de todas as festas, obedeceu regras e interdições. E, no entanto, sofre terrivelmente. Tal sofrimento, entende, deve advir de algo que não pode ser esgotado pelo código religioso vigente, e que deve ser superior a qualquer ordem conhecida pelo homem. Ao suplicar aos deuses e deusas conhecidos ou não, o autor reconhece, implicitamente, um sentido da divindade muito mais amplo que o que possa ser fornecido por uma religião sistematizada ; a prece assume que podem haver, ao nível do *númem*, infinitas possibilidades de transgressão, muito além, por assim dizer, da "religião que conheço":

Por ignorância comi o que o meu deus proibiu; Por ignorância entrei onde minha deusa proibiu;(…) A transgressão que cometi, na verdade desconheço; O pecado que pratiquei, na verdade desconheço. A coisa proibida que comi, na verdade desconheço; O (lugar) proibido no qual entrei, na verdade desconheço; (...) O deus que conheço ou que não conheço me oprimiu;A deusa que conheço ou que não conheço deu-me sofrimento. (ELIADE,1995:154)

Podemos aqui perceber o elemento irracional que , segundo Otto, associa-se ao sentimento do *tremendum* : a cólera divina que se inflama misteriosamente como uma força obscura da natureza, que descarrega-se sobre quem se aproxima, incalculável e arbitrária (OTTO,1995:29-30). A ignorância do transgressor não o torna menos sujeito à ira que se tivesse transgredido intencionalmente.O outro aspecto desta ira, o aspecto racional, revela-se quando a ela associam-se as concepções éticas da justiça divina aplicando-se como castigo das faltas morais. Não é o caso aqui : a falta moral que gera a "opressão" e o "sofrimento" imposto pelos deuses ao nosso suplicante é apenas suposta, como única razão possível - razão por ele desconhecida - para ser olhado pela divindade com "ira no coração" (ELIADE,1995:154), e lançado ao abismo de uma solidão insondável :

Embora eu esteja sempre buscando ajuda, ninguém me dá a mão; Quando choro ninguém me consola. Solto lamentos, mas ninguém me ouve; Estou inquieto; estou acabrunhado; não consigo ver..(ELIADE,1995:154)

Diante de tal solidão, só há lugar para o sentimento de insignificância : "Beijo os pés de minha deusa; rastejo diante de ti". Remetemo-nos aqui a outro aspecto envolvido no aspecto do *tremendum* , que é a percepção da majestade. Este aspecto , segundo Otto, que é o elemento de potência absoluta, corresponde no sujeito

àquele sentimento de criatura que surge em contraste com esta potência superior, como sentimento da própria submersão, da aniquilação, do "ser terra", "cinza", "nada", e que constitui, por assim dizer, a matéria prima numinosa para o sentimento da humildade religiosa. (OTTO,1985:31)

Este aspecto de majestade aponta para o antagonismo fundamental do sentimento religioso: de um lado, a realidade única, plena e total do *númem*, do Ser transcendente pleno de incomensurável poder; de outro, a impotência do sujeito que o remete à nulidade e ao aniquilamento. É nesta dicotomia que nasce a mística, entendida como a tensão em mais alto grau dos elementos não-rationais ou supra-rationais na religião.(OTTO,1985:34) : no sentimento de criatura levado à máxima tensão, na pequenez de quem é criatura diante da majestade acima de todas as coisas. Diante disto, resta apenas entregar-se à esta dependência e à condição irremediável do "ser criatura":

Quanto tempo passará, ó minha deusa que eu conheço ou que não conheço, antes que teu coração hostil se abrande ? O homem é estúpido; nada sabe; O gênero humano - que sabe ele ? Quer esteja cometendo pecado ou praticando o bem, o homem nada sabe. (ELIADE,1995:155)

A condição do suplicante é, assim, também irremediável : é a própria condição humana, diante da qual não tem escapatória. As ações humanas são cegas, não distinguem - ou mal distinguem - bem e mal . É preciso, é necessário, que a energia do *númem* o resgate deste lugar, é preciso contar com a vontade daquilo que está sobre todas as coisas :

Ó meu senhor, não destrói teu servo; Ele está mergulhado nas águas de um charco;toma-o pela mão.O pecado que pratiquei, transforma-o em bondade; A transgressão que cometi, que os ventos a levem; Minhas muitas iniquidades despem-se como uma veste. (ELIADE,1995:155)

A energia do *númem* é a força que ativa, compele, vive e faz viver sem limite ou descanso. A cólera é um de seus aspectos, mas apresenta-se também como vitalidade, paixão, emoção, força, movimento, excitação, atividade, impulso e vontade (OTTO,1995:35). Em suma, é o poder divino em ação, Este poder absoluto, capaz de, por um ato de vontade, transmutar os erros e anular os pecados

Ó deus que conheço ou que não conheço, (minhas) transgressões são sete vezes sete; suprime minhas transgressões;Ó deusa que conheço ou que não conheço, (minhas) transgressões são sete vezes sete; suprime minhas transgressões. (ELIADE,1995:155)

é a mesma energia, que distintamente aplicada, extinta a cólera, faz brotar o amor capaz de amparar e compreender :

Suprime minhas transgressões e eu te exaltarei. Que teu coração, como o coração de uma mãe verdadeira, se abrande em relação a mim; Como uma mãe verdadeira (e) um pai verdadeiro, que ele se abrande em relação a mim. ELIADE,1995:155)

Assim, entre o reconhecimento da incomensurável vontade e do indefinido poder de ação da divindade, por um lado, e da fragilidade da condição humana, fragilidade esta que encontra uma de suas maiores expressões na ignorância na conduta de suas ações e na limitação do poder de compreensão, por outro lado, nasce o sentimento de dependência que está no cerne de todo comportamento religioso. Nosso suplicante percebe sua fragilidade e ignorância, tamanha que ignora a falta que cometeu e aquele ou aquela que enfureceu : sabe apenas que a vontade que salva é tão poderosa quanto a cólera que castiga, que esta energia é poder absoluto acima dele ao qual não resta senão entregar-se e esperar o perdão.

Esta prece sumero-acadiana é rara nesta percepção a-cultural do numinoso, e mais rara ainda se consideramos o contexto histórico em que foi produzida. As religiões em geral, e as arcaicas em mais alto grau, tendem a identificar este numinoso através de hierofanias específicas, e de epifanias mais específicas ainda, fechando-se em suas mitologias e, assim, racionalizando o estar no mundo de acordo com os respectivos códigos específicos de graça e transgressão, que determinam o certo e errado nas ações. A prece que aqui estudamos não denuncia sua origem cultural nem histórica ; poderia ter sido produzida por qualquer ser humano a qualquer tempo e em qualquer lugar, tomado pelo aniquilamento e confusão diante da vida, massacrado pela própria impossibilidade de compreensão do mundo. Ao suplicar à deusa e ao deus conhecido ou não, este ser humano mostra-se tomado pelo insondável mistério a que chamamos divindade, tão bem expresso, milênios mais tarde, por Carl Gustav Jung:

A expressão "mundo de Deus" que soa sentimental a certos ouvidos, não tinha esta conotação para mim. Pertencia ao "mundo de Deus" tudo o que era sobre-humano : a luz ofuscante, as trevas abissais, a gélida apatia do tempo e do espaço infinitos e o caráter grotesco e terrível do mundo irracional do acaso. Para mim, "Deus" era tudo, menos edificante. (JUNG, 1989:73)

Este é o *mysterium tremendum* , que apenas pode ser sugerido pela linguagem, já que excede a experiência natural humana. Dele podemos falar apenas analogicamente, ou, como sugere Otto, buscar compreendê-lo por "simpatia ou imaginação" . Mais do que dito, é algo experimentado. Esta experiência pode fundar religiões, mas é anterior a elas e mesmo, como já dissemos, prioritária. O deus ou a deusa, conhecidos ou não, superam toda a racionalidade com a qual se possa revesti-la.

Referências Bibliográficas

COULIANO, Ian, e ELIADE, Mircea. *Dicionário das Religiões*. São Paulo : Martins Fontes, 1994.

ELIADE, Mircea . *O Sagrado e o Profano : A Essência das Religiões* . Lisboa : Ed. Livros do Brasil , ca. 1960.

História das Idéias e das Crenças Religiosas , Tomo I, vol. 1. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.

O Conhecimento Sagrado de Todas as Eras . São Paulo : Mercury, 1995.

GARELLI, Paul. *O Oriente Próximo Asiático, das Origens às Invasões dos Povos do Mar* , Série “Nova Clio”.São Paulo : Livraria Pioneira Editora/Ed.USP, 1982.

HINNELS, John, org. *Dicionário das Religiões*. São Paulo : Ed. Cultrix, 1995.

JUNG, Carl Gustav . *Memórias, Sonhos, Reflexões* . Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1989.

OTTO, Rudolf. *Lo Santo : lo Racional y lo Irracional en la Idea de Dios* . Madrid : Alianza Editorial, 1985.